

A lentidão na cultura das cidades

João Maia*

RESUMO

A cultura urbana, marcada pela aceleração e pela velocidade das descobertas técnicas da modernidade, caracteriza-se também pelo tempo vivido de maneira lenta nas ruas, nos encontros banais dos habitantes da cidade. A cultura comunitária ainda está presente em todos os circuitos culturais das cidades. Da modernidade à pós-modernidade a lentidão marca a relação espaço-temporal.

Palavras chave: cultura da cidade, comunidade, tempo e espaço.

ABSTRACT

The urban culture, marked by the acceleration and the speed of the modernity technical discoveries, also can be characterized by the time lived slowly on the streets, in the banal meetings of the city's citizens. The community culture is still present in all cities' cultural circuit. From modernity to post-modern the slowness marks the space-time relation.

Key-words: city culture, community, time and space.

RESUMEN

La cultura urbana, marcada por la aceleración y por la velocidad de los hallazgos técnicos de la modernidad, caracteriza también por el tiempo vivido de manera lenta en las calles, en los encuentros banales de los habitantes de la ciudad. La cultura comunitaria aun está presente en todos los circuitos culturales de las ciudades. De la modernidad hasta la pos-modernidad la lentitud marca la relación espacio-temporal.

Palabras clave: ciudad, comunidad, tiempo y espacio.

Propomos, aqui, pensar sobre o movimento de uma cultura que podemos chamar de urbana e que nasce com a modernidade de maneira provocadora, instigante, massiva e plural, logo contraditória. Esta cultura que privilegia as mais variadas formas técnicas e imaginários vive das formas de tempos que se inscrevem de maneira plural na cidade. Ela vai crescer e se reproduzir em diferentes domínios do social e valorizar a velocidade, a mobilidade e a efemeridades dos acontecimentos. Vai transformar modos e estilos de vidas sociais, profissionais, sexuais, enfim, relacionais de maneira ampla. Vamos investigar alguns fatores que aceleram as mudanças das imagens que criamos sobre a cidade de acordo com essa efervescência do “espírito do tempo” moderno. Vamos mostrar, nesse artigo, as maneiras de resistência à velocidade dessa cultura moderna. Hoje, constatamos que um tempo lento se estabelece marcando a cultura local e que serve de resistência aos processos de mundialização da cultura. Existe claramente uma resistência a essa mundialização da cultura que marcou a modernidade especificamente com a comunicação de massa e que está se acelerando na pós-modernidade com a circulação de informações em redes de computadores.

Partimos do princípio que se a modernidade urbana privilegia a circulação e a pluralidade de estilos de vidas marcando a sua cultura, vai também se caracterizar pela pluralidade de tempos. O tempo lento comunal não foi eliminado pela modernidade e nem apagado pela contemporaneidade. Pensamos sobre um tempo lento que serve de resistência ao movimento acelerado da modernidade e que também está presente no tempo hiper-acelerado imposto pela cultura do mundo das novas tecnologias.

Um tempo de máquinas velozes de comunicação e de circulação maximizada de informações. Um mundo de corpos sem materialidade e cidades sem ruas. Estamos falando de estabilidade em um tempo de relações efêmeras marcando as interações urbanas, em um mundo de crises constantes que nos levam a viver de maneira insegura em relação a tudo na vida.

Devido à mistura de idéias de espaços, de novas impressões do tempo nas coisas da vida e das pessoas das mais variadas culturas circulando pelo mundo, que caracterizou a modernidade, podemos revelar a pluralidade de sentidos simbólicos circulantes na cultura moderna. A constituição do mundo material da sociedade pode sugerir a pluralidade e a velocidade marcando uma possível ruptura com o mundo da lentidão das comunidades.

Falamos, também, da constituição de um mundo “imaterial” e sensível na medida que afirmamos a existência de uma lentidão do tempo das comunidades que continuou presente na cultura moderna e na cultura pós-moderna, mas que está apenas sutilmente se deixando sentir pelo cidadão comum. Essa lentidão não se deixou ver claramente, mas sempre esteve presente tanto na modernidade como ainda persiste e marca a cultura da contemporaneidade.

A cultura urbana moderna nos remete a constatar que uma maneira homogênea de ver o mundo penetrou o todo social. Este movimento gerou uma certa maneira totalitária e mesmo autoritária no modo de olhar a vida na cidade. Porém, observamos claramente, a existência de uma reação a este processo indicando a formação de uma sociabilidade que afirma o “localismo” de maneira intensa. É no local que estabelecemos nossas regras de convívio na cidade, no bairro, na nossa cidade criamos a vida em sociedade. É nessa sociabilidade marcada territorialmente que afirmamos o tempo da lentidão.

A cultura “desenvolvida” na cidade moderna é indiscutivelmente plural. Entretanto, era necessário

se criar um “sistema” de homogeneização capaz de se fazer crer em uma fortificação dos laços sociais, em termos de nação e de Estado Moderno. Falar em mistura significava contrariar o mundo de assepsia moderna com suas verdades únicas que estava sendo construído. Era necessário dar um sentido objetivo, e conseqüentemente produtivo, às atitudes e pensamentos racionais e puritanos para fortificar um mundo social que só poderia ser interpretado pela via da economia e da política.

A cultura da cidade marca o tempo que passa de maneira implacável. O *flâneur* foi a criatura com tempo para parar e apreciar as transformações de uma época. Ele estava lentamente apreciando e registrando as transformações e inovações que de maneira rápida passavam diante de seus olhos. Ele é a figura emblemática para falar da existência do tempo lento que marca a modernidade. Sublinha os acontecimentos, os registra de maneira detalhada e é capaz de descrever a vida na cidade através de um relato que grava a passagem do tempo da lentidão.

Walter Benjamin usa a literatura como produto da cultura que ambienta um determinado espírito de tempo, da modernidade, para descrever a circulação das pessoas e coisas através do olhar da figura do *flâneur*. Ele é um errante na cidade e o seu alimento é a cultura do boca a boca e também das obras literárias do século XIX. Paris criou o *flâneur* e os parisienses fizeram da cidade a terra prometida para a circulação desse errante. Ele vê a cidade de maneira dialeticamente dividida em dois pólos e essa dialética nunca resultará em síntese. Paris se abre em forma de paisagem e contraditoriamente também se fecha como quarto. Ele anda amplamente pela cidade, se larga pelo trânsito de gente nos novos transportes urbanos, passeia pelas galerias com suas vitrinas mostrando os novos tecidos, aprecia as pessoas que perambulam pelos cafés. Sua visão assim é panorâmica. Testemunha o nascimento de uma nova época, de produtos e pessoas com um poder de circulação cada dia

mais veloz. Essa é a paisagem. Por outro lado, do interior de um quarto, ele vê tudo de maneira próxima e familiar. É como se ele estivesse em um cômodo de sua casa, pode andar de olhos fechados que não esbarrará em nenhum móvel. Ele conhece cada canto do seu bairro, a praça onde os bancos se tornam a cama de quem tem sono, os pés das árvores que são como cadeiras na tranqüilidade de quem senta como se estive em sua própria sala de estar.

O *flâneur* pode ser uma espécie de animal que circula numa selva social. Segundo Benjamin a experiência fundamental desse personagem é o fenômeno de “*adptage*” do espaço. Essa experiência é a do relato que circula, a da idéia e a da impressão que são transportadas como um produto pelas ruas da cidade. Não podemos deixar de ver a contradição no circular nesse personagem de característica plural, pois ao mesmo tempo em que ele circula pela cidade veloz da modernidade ele também se prende a um bairro, se senta em um café e aprecia os passantes preguiçosos.

Essa figura também no leva a pensar na existência da circulação bem circunscrita em determinada área. Temos como exemplo na contemporaneidade da cidade o personagem boêmio e histórico do Madame Satã que viveu livremente no bairro da Lapa no Rio de Janeiro, também lembramos os mendigos que pertencem apenas a um único bairro, eles não abandonam a sua esquina. Nos anos oitenta existia em Copacabana a figura emblemática do Mister Éter que morava no posto seis. São os desgarrados ancorados no nosso bairro.

No tempo da cidade do errante, apenas nos resta compreender quais foram as transformações na relação tempo/espaço para reconhecer a pluralidade de movimentos que foi se instalando lentamente na cultura. A intensidade da circulação moderna é pendular, balança entre o rápido e lento. Constatamos a presença de pelo menos dois movimentos nesse momento de ouro da *flânerie*.

Um que se expressa pela velocidade dos novos transportes coletivos e um outro no andar pelas ruas que estavam sendo pavimentadas permitindo o perambular, o flunar. O do errante constrói a cidade através de relatos fragmentados que jamais constituirão uma unidade segura. A cidade é o tempo todo reinventada pelo poder da simbolização. O relato é sobre a cidade caleidoscópica. O tempo que caracteriza a cultura urbana pode ser compreendido nas circulações entre as diversas referências culturais, na construção e produção das diversas leituras de cidade. A cidade se reinventa a cada dia devido a sua pluralidade de tempos. Vivemos entre a lentidão e a rapidez. Seria inocente pensar que um indivíduo já encontra o universo simbólico constituído de alguma forma quando nasce e que continuará quando ele morrer. A sua vida seria experimentada e orientada por determinações de culturas urbanas localizadas de maneira rígida. Isso não existe, pois a pluralidade de tempos e de concepções de espaços que se mesclam o tempo todo na cidade permite ao homem se reinventar e resimbolizar o lugar constantemente.

A presença de determinados códigos que se colocam como expressão e até parecem dar um sentido seguro a uma cultura, através dos bens materiais e imateriais, formam a expressão do valor simbólico. Porém, eles se recentralizam constantemente. O intercruzamento incessante do material e imaterial coloca o simbólico de maneira efervescente, palpitante e vibrante. O simbólico se torna mutante. O nosso modo de circular afeta e é afetado por esse simbólico. Os produtos de expressão artística, por exemplo, podem marcar definitivamente um local e nos levar a acreditar que o simbólico é forte e estará presente antes de qualquer possibilidade de mudança. Isso marcaria o “gênio do lugar”. Assistimos a criação da personalidade de algumas cidades na filmografia moderna. A cidade foi muito bem retratada pelo cinema. Porém, a cidade transforma o homem constantemente de maneira intensa.

Para se pensar a localização, na forma que se apresenta na cultura, devemos nos entregar às relações contraditórias, plurais, dialéticas sem sínteses de elementos plurais que constituem o material e o imaterial no dia a dia banal da cidade. Devemos assumir a postura do *flâneur*. O que se pensa e se sente sobre a cidade nunca acontece apenas de uma única maneira. Se fosse assim seria muito simples e mecânico. Não precisaríamos pegar um avião, um ônibus, um carro, enfim, um transporte qualquer, para conhecer uma cidade distante. Bastaria ver alguns filmes ou ler determinados livros sobre a vida que se leva naquele lugar. Não conseguimos falar apenas de um único sentido da cidade. Não podemos dizer que apreendemos determinado valor com sentido seguro. É esse fenômeno de pluralidade de sentidos que permitiu a existência do circular da cultura mundializada. A circulação de gente em busca e interessada nesse tempo lento comunal foi a marca da cultura moderna e está sendo a da cultura contemporânea.

A alta tecnologia desenvolvida nos aparelhos domésticos ganha, hoje, o mesmo valor das pequenas técnicas artesanais dos instrumentos que usamos no dia-a-dia. Se vamos a uma cidade do interior de Minas Gerais, por exemplo, é para sentir o sabor de uma comida cozida lentamente numa panela de barro em fogão à lenha, mas com certeza lá também estará a panela de alumínio no fogão a gás e o plástico ou vidro no forno de microondas. Cada material, o carvão, o gás, o microondas, o barro, o alumínio e o vidro ou plástico garantirá um certo tempo e uma determinada técnica de manuseio. Esse quadro seria próximo ao que Benjamin desenhou como sendo o da *flânerie* do menu. Ele falava da pluralidade de conteúdos que constituíam um cardápio e falamos agora para além de conteúdo, também na materialidade do processo e também na imaterialidade da importância do “capital cultural” que a comida pode adquirir.

Existem certos elementos circulando nas culturas industrializadas, que até podem sofrer leituras

mundializadas porque retratam um tempo lento compartilhado por todos do mundo todo. Benjamin chama de “*petits métiers de la rue*” os negócios dos comerciantes ambulantes nas ruas de Paris do século XIX que podem, com certeza, ser reconstituídos cenograficamente em filmes que contam a história da cidade, e mais, ainda persistem em existir mundo a fora porque marcam o tempo lento que circula pelas ruas. Hoje na Cidade Luz como na Cidade maravilhosa ainda temos os comerciantes instalados nas calçadas vendendo de tudo um pouco. Aos berros os camelôs vendem suas bugigangas. Eles resistem aos impostos, às grandes lojas de departamento modernas e também às compras via computadores com elogio a circulação de dinheiro de plástico.

As sociabilidades das ruas sugerem a existência de uma certa preguiça. Elas são lentas. Esse imaginário do espaço fechado, do cômodo conhecido, do bairro onde o tempo escoa lentamente ao lado do espaço aberto, da circulação acelerada dos veículos de transporte coletivos leva ao homem a viver ao que Benjamin aponta como “*songrie*”. A coexistência desses dois imaginários: os do espaço aberto e do espaço fechado possibilitam o nascimento do sonhador. São sonhos sem objetos definidos, pois permitem ao homem meditar, pensar de maneira liberta. O autor fala que esse estado do sonho não é o da espera, pois esse seria o estado do contemplativo imóvel, ele descreve o sonhador em estado de dúvida. Este seria o estado do *flâneur* na dúvida característica do estado de embriaguez do *haschisch*.

Um aparelho que permitiu que as referências culturais pudessem dialogar intrepidamente entre as diversas cidades foi justamente a comunicação tela a tela dos computadores no final do século XX e início do XXI. Podemos viajar sem sair da cadeira apenas ligando a televisão com tela de plasma que está ligada a um cabo que faz o mundo girar no controle remoto. O distante se tornou muito próximo no século XX. Isso faz

tempo que acontece nas cidades. O telégrafo acelerou o ritmo dos negócios da comunicação do dinheiro no século XIX. Porém, os meninos das favelas cariocas ainda se comunicam com suas pipas soltas ao vento. A imagem é lúdica, não? A diversidade de formas de comunicações marca a pluralidade de tempos.

A fecundidade das relações comunicacionais está provocando deslocamentos constantes e ao mesmo tempo fundando espaços sociais de circulação. Nós, homens, somos nômades, estrangeiros respeitando regras de convívio. Algumas portas, de certas cidades, podem se fechar diante do estrangeiro ou pontes se erguer para ligar comunidades. A questão se concentra na sociabilidade. Os modos de vida vão se transformando de acordo com o uso que fazemos dos espaços. O estrangeiro pode se tornar um elemento de extrema importância para nos afirmar como grupo. Reafirmamos o pequeno “círculo de aconchego” diante de uma ameaça estrangeira ao nosso modo de vida.

As cidades modernas foram palcos para encontros com desconhecidos, e diante desse cenário efervescente tínhamos que inventar novos modos de nos relacionar com os indivíduos que também estavam circulando nos novos espaços públicos. Seres civilizados inventavam maneiras de se relacionar com o estranho da cidade para dividir o espaço da circulação pública. Hoje, os deslocamentos realizados em espaços esvaziados de sentido nos impõem novos modos de interação. Por um lado, podemos ver na cidade a circulação limitada e contida dos que ficam trancados em prédios cercados de grades, com câmeras em seus elevadores. Esses homens estão vivendo sociabilidades específicas e caracterizadas pelas interações nas telas de seus computadores. Por outro lado, também constatamos o indivíduo se entregar às sensações diversas das novas comunidades efêmeras, na circulação aberta e fragmentada das ruas da cidade contemporânea.

Surgem vários modos de circulação na cidade que nos colocam novas formas de sociabilidades.

A questão da sociabilidade foi de grande importância para se pensar a cidade moderna. Simmel aprofunda esta questão em um texto que foi publicado pela primeira vez em 1903, chamado “*A metrópole e a vida mental*”. Para o autor o espaço marca a maneira do homem se relacionar com o mundo e com o outro. A sociabilidade era vista de maneira conturbada devido à metrópole ser por excelência o lugar do dinheiro e da conseqüente divisão do trabalho, fator determinante das relações sociais e dos deslocamentos. O homem em um mundo de estímulos nervosos extremos criaria mecanismos de resistência a relações com o outro, devido à convivência muito próxima a que era obrigado na metrópole. Segundo Simmel, diante dessa situação tensa, criamos uma “atitude de reserva” como instrumento para nos afastarmos mentalmente daqueles que somos obrigados a conviver de maneira intensamente próxima.

“Em parte esse fato psicológico, em parte o direito de desconfiar que os homens têm em face dos elementos superficiais da vida metropolitana, torna necessária a nossa reserva, freqüentemente nem sequer conhecemos de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos [...] Na verdade, se é que não estou enganado, o aspecto interior dessa reserva exterior é não apenas a indiferença, mas, mais freqüentemente do que nos damos conta, é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado” (Simmel, 1979, p.17).

O autor, descrevendo as formações sociais, apresenta a história da invenção da idéia de segurança do pequeno grupo, do “círculo de aconchego”, da comunidade de afinidades. Esta história é extremamente útil para sustentar uma reflexão aprofundada sobre as associações fragmentadas nas cidades de hoje. Assistimos, de maneira explícita, no cotidiano de nossas

vidas, grupos se formando, crescendo, morrendo, se confrontando e se odiando. As vidas sociais, afinal, são compostas de atrações e repulsas. A polifonia da cidade se faz presente através dessa pluralidade estruturante dos encontros e desencontros. A característica violenta de certos grupos pode se justificar na tentativa de fortificar cada vez mais a sua congregação, a sua coesão. O ódio, de certa forma, serve para “conformar”-manter os indivíduos unidos contra os que são estranhamente ameaçadores. Na moral gregária é marcante a existência da obrigação que cada um tem de defender a pequena comunidade.

Seguindo a atualidade do pensamento de Simmel constatamos que na sociedade contemporânea permanece a idéia moderna da existência de *“um círculo relativamente pequeno firmemente fechado contra círculos vizinhos, estranhos ou sob qualquer forma antagônico. Entretanto, esse círculo é ceradamente coerente e só permite a seus membros individuais um campo estreito para o desenvolvimento de qualidades próprias e movimentos livres, responsáveis. Grupos políticos e de parentes, associações partidárias e religiosas começam dessa forma.”* (Simmel, p.18).

O que nos interessa é constatar o sentimento que movimenta o homem a inventar os destinos da sua cidade. Assim, a pergunta chave que se impõe hoje é: como compartilhar a vida pública? Sabemos que a vida urbana moderna foi tão plural, com culturas diversas circulando velozmente, que era só com muita paciência que poderíamos conviver com os nossos vizinhos, com a diferença. A cidade tão cuidada, estudada e planejada pela modernidade tinha o espaço urbano como civil. O espaço era para o exercício da civilidade.

A sociabilidade em curso de elaboração pode ser delineada, primeiramente, se estivermos atentos e generosamente receptivos à maneira como o homem contemporâneo pensa e vive a relação de reciprocidade. A questão do outro, do homem na sua relação com o mundo pode ser refletida com a

ajuda de Marc Augé quando nos faz *“uma introdução a uma antropologia da supermodernidade”*. O etnólogo nos interessa no procedimento que articula as crenças estudadas com o mundo atual. A representação do indivíduo se transforma na representação do “vínculo social” (Augé, 1994).

Sobre as mudanças celeradas que acontecem no mundo contemporâneo Augé nos apresenta três áreas onde acontecem importantes transformações. São elas: tempo, espaço e a figura do indivíduo.

Em primeiro lugar, em relação à mudança da idéia de tempo, vemos que o conjunto de discursos explicativos sobre o futuro seguro da humanidade se eclipsou. A dúvida se inscreve nos destinos, historicamente nos múltiplos acontecimentos, não previstos pelas ciências humanas. Para Augé o problema se coloca na “superabundância factual” se levarmos em conta a nossa superabundância de informação e as “interdependências inéditas do que alguns chamam hoje de sistema-mundo”. Essa densidade pode fazer com que os significados das coisas desapareçam. O excesso assim se mostra como emblema da “supermodernidade”. O tempo pode ser problematizado empiricamente quando vemos que o prolongamento da vida nos obriga a viver concomitantemente com quatro gerações. O retrato da família está mudando, se ampliando.

A segunda área de transformação a ser apreciada pelo autor é a do espaço. Segunda figura do excesso. Assistimos o encolhimento do planeta com as performances dos cosmonautas, com a ronda dos nossos satélites e na terra também experimentamos um certo encolhimento. Os meios de transporte rápidos aproximam os homens velozmente para qualquer lugar e, como falamos anteriormente, o mundo chega até às confortáveis poltronas sem nenhum acidente de percurso. As misturas caleidoscópicas do mundo estão recheando a vida. Mistura de informação, de publicidade e de ficção. A superabundância espacial oferece os espaços de reconhecimento.

“É próprio dos universos simbólicos constituir para os homens que os receberam por herança mais um meio de reconhecimento do que de conhecimento: universo fechado, onde tudo se constitui em signo, conjuntos de códigos dos quais alguns têm a chave e o uso, mas cuja a existência todos admitem, totalidades parcialmente fictícias, porém efetivas, cosmologias...” (Augé, p.35).

Todos os universos “imaginais” contemporâneos oferecem essa “cosmologia”. Tais cosmologias são compostas e recompostas no cotidiano fragmentado das tribos urbanas que circulam nas cidades. Os homens comuns, que chamaremos de “adoráveis vagabundos”, nos apresentam um mundo reconfigurado pelo deambular solto, efervescente e barulhento nas ruas. Para Marc Augé mudanças concretas se materializam nas cidades configuradas nas concentrações urbanas, transferência de população e multiplicação do que nomeia de “não-lugares”. O autor observa o caráter contraditório no “glamour” dos particularismos ao mesmo tempo em que vivemos o esvaziamento dos sentidos de lugares. No momento em que Marc Augé reconhece que “*Temos que aprender a pensar o espaço*”, ficamos mais à vontade para seguir os passos do etnólogo na investigação do mundo contemporâneo.

A terceira figura do excesso se apresenta na questão do indivíduo. O autor declara que nunca as histórias individuais foram tão referidas pelo coletivo e também que nunca os pontos de identificação coletiva foram tão flutuantes. Nesse campo poderemos apreciar os sistemas de representação nos quais são informadas as categorias da identidade e da alteridade. O autor recorre a Michel de Certeau para falar das “manhas das artes de fazer”, da atitude que permite ao indivíduo oprimido da modernidade inventar seu cenário e seus itinerários particulares. Nesse momento aparecem os “indivíduos médios” distantes dos sujeitos reflexivos. O homem “saúdavel de espírito” consente em existir num mundo definido pela relação com o outro. Assim

se coloca o problema de como trazer a subjetividade, no “estatuto renovado” do indivíduo, emergir nas interpretações do mundo. Teremos que redefinir a idéia de representatividade. A maneira como nós, indivíduos, podemos pensar o espaço superabundante de informações e de novas histórias se coloca como primordial na constituição das imagens formadoras da idéia de espaço compartilhado. Augé recomenda que deveríamos prestar atenção às singularidades diversas que compõem o mundo.

Pensar nos dias de hoje em um lugar de memória, em um lugar inventado pelo homem que deambula sem saber ao certo sobre o destino, pode parecer em um primeiro momento pura fantasia. Porém para o etnólogo tal postura não passa de uma “semifantasia”. Em primeiro lugar porque essa fantasia sempre funcionou bem resguardando o lugar de agressões externas e internas. Semifantasia também porque ninguém duvida da realidade do lugar e também não ignora a realidade de outros grupos. É necessário negociar com o outro numa “tentativa de totalidade” do singular plural. O fragmento remeteria a uma possível totalidade e essa possibilidade nos re-enviaria à pluralidade de formas. O mundo se re-encanta através das fantasias.

Bibliografia

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994 (Coleção Travessia do Século).
- BENJAMIN, Walter. *Paris, capitale du XIXe. Siècle. Le livre des Passages*. Paris: Lés Éditions du Cerf. 1993.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In: O fenômeno urbano. (Otávio Velho - organização e introdução). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

* João Maia é Professor adjunto da FCS-UERJ, mestre em Teoria da Comunicação e doutor em Sociologia. Desenvolve pesquisa sobre a questão da Comunidade na cidade do Rio de Janeiro.